

JORGE AMADO: UM ESCRITOR ENGAJADO. A DENÚNCIA DE ABANDONO DE CRIANÇAS EM CAPITÃES DA AREIA

Benedito Pereira Firmo¹
Dr^a Michele Giacomet²

Resumo: A obra *Capitães da Areia* é um romance permeado de significados que mostram a cruel realidade do abandono de crianças e as funestas consequências da omissão do Estado em elaborar políticas que atendam às necessidades sociais. Desse modo, este trabalho tem como finalidade expor características de escritor engajado existente no livro *Capitães da Areia* de Jorge Amado, quando o mesmo narra em estilo de denúncia os problemas vivenciados por meninos de rua.

Palavras-chave: Jorge Amado. Literatura engajada. Menino de rua.

Introdução

Ao lermos o livro *Capitães da Areia*, publicado por Jorge Amado, em 1937, durante a segunda fase modernista, vemos a universalidade da problemática, e então, poderemos assemelhar os relatos vividos pelas personagens na capital baiana com as condições de vida existentes em muitos outros países que possuem desigualdades sociais. O interesse em abordar este tema surgiu em razão do fato de constatarmos que passados setenta e sete anos do lançamento da obra, continua atual, tratando de problemas que ainda afligem os grandes centros urbanos. No decorrer da narrativa, é notório que o autor procura evidenciar a condição de miséria e abandono na qual vivem as crianças o que propicia o surgimento de vários outros problemas como a prática de crime, a revolta, a exploração por parte de adultos inescrupulosos que receptam as mercadorias furtadas/roubadas pelos menores.

Pode-se perceber que o autor mostra o abandono de crianças por meio de três aspectos principais: o primeiro decorre da família desagregada em decorrência de morte ou separação dos pais (caso do Pedro Bala, Dora, Zé Fuinha, João Grande); o segundo está vinculado à fuga do lar em virtude de violência, maus tratos e razões diversas (caso do Almiro); o terceiro aspecto é evidenciado de forma genérica quando nota-se a omissão do Estado em assumir responsabilidade de

¹ Trabalho apresentado para a obtenção de graduação em Letras.

² Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade Alfredo Nasser.

amparar e educar as crianças através de projetos sociais que promovam a dignidade humana e retire as crianças das ruas.

Literatura engajada

Segundo o filósofo e escritor austríaco Ernst Fischer (1966, p. 50), numa sociedade dividida em classes, estas procuram recrutar a arte - a poderosa voz da coletividade - a serviço de seus propósitos particulares. Fischer sentencia que a função da arte não é a de passar por portas abertas, mas é a de abrir as portas fechadas.

De acordo com Silva (1968), ao discorrer acerca das funções da Literatura sob a perspectiva da teoria literária, até meados do século do XVIII, conferia-se à Literatura, quase sem exceção, uma finalidade hedonista ou uma finalidade pedagógico-moralística. Alexander Gotlieber Baumgarten (1714-1762), a quem se deve a criação do vocábulo “estética”, foi um dos primeiros pensadores a considerar a arte como um domínio específico e independente da filosofia, da moral e do prazer. Para Silva:

A Literatura, com efeito, não é uma filosofia disfarçada, nem o conhecimento que transmite se identifica com conceitos abstratos ou com princípios científicos. Todavia, a ruptura total entre Literatura e atividade cognoscitiva representa uma inaceitável mutilação do fenômeno literário, pois **toda obra literária autêntica traduz uma experiência humana e diz algo acerca do homem e do mundo.** (1968, p. 93, grifo meu).

De acordo com o escritor Jean-Paul Sartre (1999), em sua obra *Que é a Literatura?*, temos o direito de perguntar ao escritor: com que finalidade você escreve? Sartre, evidencia ainda que “o escritor é um falador”, e em seu desiderato de publicar o que escreve, sobretudo na prosa que acarreta um império de significados, ele ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua. Segundo Sartre:

Um escritor é ENGAJADO quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é um mediador por excelência e o seu engajamento é mediação. (1999, p. 61).

O escritor Jorge Amado deixou transparecer em seu ofício a condição de mediador por excelência. Ao escrever esse livro não o fez destinado à mera atividade contemplativa. Há uma universalidade de mensagens por trás da exposição de cada obra, o que o fez um escritor engajado, comprometido em mudar a realidade. Transferiu seus ideais para o papel e em seguida lançou às massas em brado retumbante, sendo admirado, sobretudo, por àqueles que se opunham à ditadura no período de 1964 a 1985. Contrapondo-se à literatura planificada, podemos então definir especificamente que a obra *Capitães da Areia* faz parte da “literatura de resistência” na concepção do crítico literário Alfredo Bosi, quando o mesmo esclarece acerca dos vocábulos *ético* e *estético*:

Resistência é um conceito originariamente ético e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. A translação de sentido da esfera ética para estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores. Estes por sua vez combatem os antivalores respectivos. (2002, p. 118 - 120).

Demonstrando uma personalidade voltada para as massas, Jorge Amado não deixou de transferir para a obra o seu conhecimento de mundo, seus ideais políticos, e filosóficos e sua posição pela liberdade.

Menino de rua

Consolidando o aspecto engajado do escritor, resta apontar na obra *Capitães da Areia*, quais trechos de enunciados comprovam o discurso de denúncia de abandono de crianças e conseqüentes implicações na sociedade. Cada personagem do livro, cada episódio, cada sentença representa algo muito maior em significado. No capítulo “Cartas à redação” lê-se o seguinte:

CRIANÇAS LADRONAS

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao **desprezo dado à sua educação por pais** pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de "Capitães da Areia" porque o **cais é o seu quartel-general**. E têm por comandante um mascote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de

ontem. **Infelizmente a Identidade deste chefe é desconhecida.** (AMADO, 1982, p. 10, grifo meu).

Há um contraste social nos tópicos “crianças ladronas” e “Na residência do Comendador José Ferreira”. Um polo representa a miséria, o outro a opulência. Logo, torna evidente que o escritor enfatiza a existência da divisão de classes. A invasão dos meninos de rua ao palacete do Comendador José Ferreira não significa apenas uma descrição de um furto, mas uma denúncia de um grave problema social vinculado à desigualdade econômica, como se vê no excerto:

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos "Capitães da Areia". Ele disse que eu era um tolo e **não sabia o que era brincar**. Eu respondi que **tinha uma bicicleta e muito brinquedo**. Ele riu e disse que **tinha a rua e o cais**. (AMADO, 1982, p. 13, grifo meu).

Dois pontos chamam atenção neste trecho. A reportagem do Jornal da Tarde ouviu os reclamantes, mas não registra que a imprensa tenha feito matéria vitimizando os meninos de rua. Parece que o escritor intencionalmente mostra na obra que a imprensa era tendenciosa, fato sugerido mais adiante na narrativa. Interessante notar que Jorge Amado faz um paralelo entre duas infâncias e reitera as extremidades. Enquanto uma criança é rica, estuda em bom colégio, tem diversos brinquedos, mas, parece viver reclusa em um palácio, a outra não tem “posses”, mas, tem a liberdade de viver na rua. Jorge Amado inicia o primeiro capítulo falando sobre o trapiche³, o qual se constituía no lar dos meninos de rua. De maneira realista, são descritas as condições em que as crianças vivem:

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. (...) Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que aí atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. (AMADO, 1982, p. 25).

É notável como o escritor intensifica a indignação no momento em que descreve a condição degradante que as crianças enfrentam as adversidades. Manifesta por meio da arte degradação do ser humano quando este é nivelado com

³ Armazém abandonado onde se guardavam mercadorias para embarque, junto ao cais.

animais irracionais ao habitar um local insalubre. No trecho seguinte, percebe-se que autor também registrou a peculiaridade da miscigenação ao referir-se à epiderme dos meninos de rua, induzindo assim a refletir que o problema social estava desvinculado à característica de raça, conforme citação:

Estranhas coisas entraram então para o trapiche. **Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos**, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas desde os nove aos dezesseis anos, que à noite **se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam indiferentes ao vento** que circundava o casarão uivando, **indiferentes à chuva** que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações... (AMADO, 1982, p. 26, grifo meu).

Considerações finais

No desfecho da obra, percebe-se que apesar das inúmeras dificuldades vividas pelas personagens principais em um ambiente violento, desonesto, hostil, degradado, promíscuo, ainda assim, três tornaram-se cidadãos de bem: Pedro Bala tornou-se um militante proletário; Professor, pintor de quadros, famoso no Rio de Janeiro; Pirulito, sacerdote da igreja católica. As demais, talvez em decorrência da própria condição de vida quando criança tiveram destinos infelizes.

Numa observação hipotética, o motivo do autor usar personagens delinquentes foi uma estratégia de tornar polêmico um relato vivo de denúncia de um sistema político que dominava o Brasil e com o qual não concordava. Assim, ele deu voz às crianças para protestarem veladamente contra a política vigente no país, que em sua opinião causava graves desigualdades sociais e, por conseguinte, conduzia à marginalidade, ao passo que enalteceu em várias partes da obra o comunismo, firmando assim seu posicionamento ideológico.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 54^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

FISCHER, Ernst. **A necessidade de arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1999.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Funções da Literatura. In: **Teoria da Literatura**. 2^a Ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.